

Camões em Macau: substrato e memória de uma presença mítica e cultural

Camões in Macau: the substratum and memory of a mythical and cultural presence

Lola Geraldês Xavier¹

0000-0003-0568-9583 

Sara Augusto²

0000-0002-7238-9452 

¹ Faculdade de Línguas e Tradução, Universidade Politécnica de Macau, China/ Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal/ Centro de Línguas Literaturas e Culturas, Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Portugal / Centro de Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Portugal.

² Faculdade de Humanidades e Ciências Humanas, Universidade Cidade de Macau, China / Centro de Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Portugal.

Autor correspondente: lolagrafias@gmail.com

Resumo. A partir de fontes sobre a biografia de Luís Camões, este texto visa estabelecer a relação de Macau com o poeta. Destacam-se, assim, os locais topográficos e artísticos que guardam a memória de Luís de Camões na Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). Num primeiro momento, busca-se traçar a construção das possíveis relações de Camões com Macau, identificando incoerências e dúvidas biográficas com a paisagem da cidade e com diversos elementos celebrativos da presença do vate. A esta memória geográfica associa-se uma significativa memória literária, destacando-se autores e textos de Macau, que, poética ou ficcionalmente, colheram inspiração na presença do bardo. A dimensão mítica que Camões adquire em alguma desta produção literária é mais um aspeto que revela o impacto duradouro da sua presença no imaginário cultural da região.

Palavras-chave: Camões. Mito. Toponímia de Macau. Literatura de Macau. Intertextualidade.

Abstract. Drawing on sources about Luís Camões' biography, this text aims to establish Macau's connection to the poet. Thus, it highlights the topographical and artistic sites that preserve the memory of Luís de Camões in the Macau Special Administrative Region (MSAR). Initially, it seeks to trace the construction of Camões's possible relationships with Macau, identifying biographical inconsistencies and uncertainties with the city's landscape and various elements commemorating the poet's presence. This geographic memory is closely tied to a significant literary legacy, highlighting Macau authors and texts that, either poetically or fictionally, drew inspiration from the poet's presence. The mythical dimension acquired by Camões in some of this literary production is another aspect that reveals the lasting impact of his presence on the region's cultural imagination.

Keywords: Camões. Myth. Macau's toponymy. Macau's literature. Intertextuality.

1. Introdução

Poeta mor da Literatura Portuguesa, Luís de Camões (1524?¹–1580) é um autor que dispensa apresentações nas literaturas em Português. O autor de *Os Lusíadas* mostra, na sua epopeia, o entusiasmo com que viveu alguns dos feitos portugueses das Descobertas do século XVI. A sua obra continua a atrair a atenção de estudiosos no seu quingentésimo aniversário e a sua biografia continua a ser tema de discussão (ver, por exemplo, Bobone, 2024; Lourenço, 2024; Novo, 2024). Para além da incógnita sobre a exata data de nascimento, outras dúvidas se avolumam sobre os sítios por onde terá passado. Macau é uma dessas dúvidas, pelo menos para alguns estudiosos, como veremos. São, no entanto, sobejamente conhecidas as relações estabelecidas entre Camões e Macau, através da toponímia, iconografia (pintura, medalhas, filatelia) e de textos ensaísticos e literários. Ao longo deste texto, pretende-se, pois, traçar essas conexões. Nesse sentido, as questões que norteiam este estudo resumem-se a estes aspetos: o que oferece Camões à cultura e toponímia de Macau?; Onde procurar hoje o “substrato genocultural” (Pereira, 2015, p. 21) de Camões em Macau?. Para isso, parte-se da relação entre a cidade e a presença hipotética do autor de *Os Lusíadas* no território, naquilo que são as perspetivas de alguns estudiosos. Traça-se a cartografia dos lugares físicos associados ao poeta e as consequentes representações artísticas iconográficas que daí têm advindo. Nesta abordagem, parte-se para alguns dos “lugares literários” do vate e de obras sobre Macau ou de autores da literatura de Macau em Português.

2. A presença de Camões em Macau

A presença de Camões em Macau será aqui analisada sob a perspetiva biográfica dos estudiosos que se têm debruçado sobre essa questão. Veremos que não há consenso em relação à sua presença no território, ainda que a maioria se incline para acreditar nessa possibilidade. Independentemente das provas documentais (ou da falta delas) sobre a passagem do poeta por Macau, o seu nome está associado à toponímia do território e os vestígios da sua presença cultural são múltiplos e variados.

2.1. Entre a realidade e o mito

“Por mais que se procure é notória a falta de documentos” (Lessa, 1996, p. 403) sobre a vida de Camões no Extremo Oriente. É, pois, “impossível afirmar concretamente que regiões específicas terá ou não visitado” (Loureiro, 2003, p. 112). Terá exercido o cargo de provedor de defuntos e ausentes e chegado a Macau entre 1556 e 1557, ou meados de 1558, vivendo aí durante quase três anos (Lessa, 1996, p. 402). Recorde-se que Macau só começou a ser ocupado a partir de 1557, e apenas obteve o alvará de cidade nos fins da década de 1580, estando, ainda assim, sob a autoridade do capitão-mor da nau do Japão, como lembra Carlos Bobone. Este autor acrescenta ser pouco provável que

¹ Ao contrário da sua morte, não é certo que Camões tenha nascido em 1524. Veja-se, por exemplo, Lourenço (2024).

Camões tenha sido provedor dos defuntos em Macau, pelo menos “sediado em terra” (Bobone, 2024, p. 348). No seguimento desta ideia, continua:

O “Orçamento do Estado da Índia”, de 1574, que mostra todas as despesas do Estado com os funcionários distribuídos pelo Oriente, em ocasião nenhuma fala de um provedor-mor dos defuntos em Macau. Note-se que se trata de um orçamento descrito com o maior dos pormenores... e em nenhum momento se fala dos cargos oficiais de Macau. (Bobone, 2024, pp. 348–349)

No entanto, vários biógrafos continuam a defender o contrário. É esta a linha de pensamento de Manuel Severim de Faria (2010, p. 7), biógrafo seiscentista, que corrobora esta certeza: “Em Macau teve o ofício de Provedor-mor dos defuntos, e com a comodidade do lugar devia de compor aqui alguma parte dos seus *Lusíadas*, pois de lá os trouxe consigo”. Porém, como lembra Rui Loureiro (2003, p. 121), “todas as referências quinhentistas e seiscentistas... colocam o Poeta na China e nunca em Macau”. Eduardo Ribeiro² (2012) é um dos autores que está convencido de que Camões terá estado em Macau e que a toponímia é um dos testemunhos dessa passagem, a par, por exemplo, do inventário dos bens dos jesuítas que faz já referência ao Campo de Patane, chamando-lhe “Penedos de Camões”. O autor defende que

...a dita tradição de Camões em Macau só passa por ser mito historiográfico aos mais distraídos... A tradição de Camões em Macau nem é mito nem é lenda, porque comprovada, primeiro, pela memória do povo de Macau, que a manteve viva e, segundo, pelos dados históricos avulsos que aqui se compilam. (Ribeiro, 2012, p. 152)

Mais recentemente, Isabel Rio Novo não mostra dúvidas de que: “Luís de Camões foi, de facto, provedor dos defuntos em Macau, não se sabe ao certo durante quanto tempo” (2024, p. 365), acrescentando:

E eis como, só com um pouco de imaginação, contra todos os ceticismos (a dar créditos aos quais nenhuma página de História seria escrita), a gruta de Camões em Macau pode bem ter sido a gruta de Camões em Macau. (Novo, 2024, p. 378)

Carlos André (2021), por sua vez, argumenta que será pouco verosímil que Camões tenha estado por Macau entre 1562 e 1565, datas sugeridas por Eduardo Ribeiro (2016), ou que tenha composto parte da sua epopeia no Alto do Patane, onde fica a denominada Gruta de Camões na cidade. Ainda assim, admite a hipótese da presença do vate no território.

Apesar destas incongruências históricas e biográficas, Bobone (2024, p. 350) admite que se pode defender que Camões viveu em Macau, baseado numa prova, circunstancial (não “flagrante”, segundo o autor), ainda assim: “num documento de meados do século XVIII, um título dos bens de raiz do colégio jesuíta de Macau, que é

² Como lembra Seabra Pereira (2015), também o Padre Manuel Teixeira (1980) e José Hermano Saraiva (1995) são defensores desta presença de Camões em Macau. Esta perspetiva é contrária à defendida por Rui Manuel Loureiro (2003).

uma transcrição de outro documento do século XVI, em que se diz que o colégio vendeu umas casas e uns campos “do campo dos patanes aos penedos de Camões”. Este argumento já fora referido anteriormente por Eduardo Ribeiro (2012). Para Bobone, a presença em Macau explica também o dinheiro que Camões teria tido e perdido “nos seus gastos irresponsáveis” (Bobone, 2024, p. 354). Num estilo questionador sobre as várias incoerências da biografia de Camões, Bobone não se compromete, no entanto, com nenhuma verdade.

Almerindo Lessa observa a questão sob um prisma diferente. Advoga que a história popular, tornada mito, tem influenciado essa alegação de um Camões em Macau: “Um conhecimento transcendental pode assim tornar-se *a priori* uma realidade mesmo antes de qualquer aviso documental” (Lessa, 1996, p. 404). Até porque é este testemunho documental que, como se interroga Camilo Pessanha, em 1924, em “Macau e a Gruta de Camões”: “... contra toda a tradição e contra toda a evidência histórica, que tenha sido escrita ou concebida em Macau uma parte considerável da vastíssima obra poética de Camões? Seria verdadeira loucura” (Pessanha, 1992, p. 304). Nesse sentido, “tem-se debatido desde há anos a questão se Camões residiu ou não em Macau... A polémica há de decerto renascer mais animada algum dia; e provável é que o problema venha a decidir-se finalmente pela negativa” (Pessanha, 1992, p. 301). Também Rui Loureiro (2003) considera que não há nenhum registo que indicie a passagem de Luís de Camões por essas latitudes e, portanto, tal possibilidade não passa de um mito.

Uma vez mais, Eduardo Ribeiro opõe-se a esta ideia, provocando os incrédulos:

Chega até a parecer de bom tom duvidar (e declará-lo) que Camões tenha estado naquela colina. A lusa gente parece ter vergonha de ter sido português o primeiro escritor europeu – poeta ainda por cima! – a entrar em contacto com o exotismo e a diferença dos povos orientais e sobre eles ter escrito. (2012, p. 130)

As posições divergem, pois, de forma antagónica. A verdade, porém, é que, separando obra literária de biografismo, cuidado que nem sempre é visível no trabalho dos críticos, não se encontram referências a Macau nas obras de Camões. Apesar de os referentes espaço-temporais deverem ser separados de uma concretização cronológica ou toponímica, autores há que insistem em relacionar a escrita de Camões com a realidade (por ele vivida). A referência a “penedos” em alguma da sua lírica tem dado origem a congeminações na associação entre realidade e mito. Têm-se visto em algumas dessas menções os campos de Patane onde ficaria a gruta de Camões (cf. Lessa, 1996, p. 404).

Em *Os Lusíadas*, a referência direta à China está presente em quatro momentos, mas sempre de forma ligeira, o que permite a interpretação de Loureiro (2003, p. 121) de que o poeta poderia ter lido algumas obras já disponíveis nessa altura sobre a China. Veja-se:

a.
E, sujeita a rica Áurea Quersoneso,
Até o *longínco* [sic] China navegando
(*Os Lusíadas*, Canto II, estrofe 54, versos 5–6);

b.

A terra é grossa em trato, em tudo aquilo
Que as ondas podem dar, da China ao Nilo.
(*Os Lusíadas*, Canto VII, 41, 7–8);

c.

Vês, Cochinchina está, de escura fama,
E de Ainão vê a incógnita enseada;
Aqui o soberbo Império, que se afama
Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre, e ocupa o senhorio
Desde o Trópico ardente ao Cinto frio.
(*Os Lusíadas*, Canto X, 129, 3–8);

d.

De longe à China, donde vem buscar-se,
É Japão, onde *nace* a prata fina,
Que ilustrada será *co* a Lei divina.
(*Os Lusíadas*, Canto X, 131, 6–8)

Estas referências explícitas à China, mas vagas e imprecisas, serão suficientes para afirmar que Camões esteve aí, e particularmente em Macau, quando as alusões a outros locais do Oriente, como o Japão, se verificam igualmente? Como lembra Luís André Nepomuceno (2022, p. 62): “A África e a Índia de Camões, bem como o restante do oriente, até a China (se é que ele esteve na China), não são os espaços sociais que ele próprio conheceu.” Por outro lado, e como continua este autor, “É preciso considerar que Camões, tendo ou não consciência disso, não escreve uma suposta verdade histórica (ainda hoje um conceito sempre controverso), ou uma verdade que ele julgou isenta de imperfeições, mas uma ‘verdade’ conveniente” (Nepomuceno, 2022, p. 48).

Porque será que Camões não se refere a Macau em *Os Lusíadas*? Como responde Almerindo Lessa (1996, p. 430): “Provavelmente porque em 1557, Macau era ainda um dos vários lugares onde comerciantes portugueses se tinham estabelecido e não oferecia ainda grandes perspectivas de uma fixação definitiva”. Carlos André defende esta possibilidade da estadia de Camões em Macau, justificando a sua posição com base em factos históricos gerais da altura:

É bem possível que Camões tenha estado em Macau. A importância que Macau começava a adquirir no sul da China, como porta de entrada no grande império, e de que é prova o estabelecimento na cidade, com presença significativa, da Companhia de Jesus, permite admitir que assim tenha sido. (2021, p. 18)

Continuamos, pois, no campo da dedução biográfica.

2.2. O diálogo com o espaço urbano

Estas dúvidas biográficas do autor são alimentadas pela geografia da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). A RAEM é constituída pela península/continente (Macau) e duas ilhas, Coloane e Taipa, hoje ligadas entre si por um aterro, a que se deu o nome de Cotai (primeira sílaba de cada nome das duas ilhas).

Independentemente da passagem de Camões por Macau, a verdade é que, na RAEM, sobrevivem espaços que remetem para o poeta. Na península de Macau, existe a Praça Luís de Camões, o Jardim Luís de Camões e a gruta de Camões, espaços contíguos entre si e à Casa Garden. O busto de Camões encontra-se no jardim de Luís de Camões, mais concretamente numa espécie de gruta metafórica, construída artificialmente por três grandes rochedos talhados. Na península, existe ainda outro busto, no jardim interior do edifício do atual Instituto para os Assuntos Municipais. Na ilha da Taipa, existe o Largo de Camões, e uma estátua de Camões, no jardim municipal. Por sua vez, na ilha de Coloane, desembocando na praia de Hác Sá, fica a Avenida Luís de Camões.

2.2.1. *Camões na RAEM – península*

Começamos pelo Jardim de Camões³. A propósito deste Jardim, Wenceslau de Moraes, em “A gruta de Camões”, de 1890, coloca em dúvida a passagem do vate por aquele local, mas vai aceitando embalar-se pelo mito:

O jardim da gruta de Camões é um dos sítios mais aprazíveis do nosso pequenino domínio no Extremo Oriente; ao prestígio da sua velha lenda reúne o encanto natural da posição culminante, dos horizontes vastos, da vegetação vigorosa... aconchegada com as rochas contra a fúria inclemente dos tufões. (Moraes, 2004, p. 32)

A repetição da ideia e os vocábulos escolhidos para expressar a passagem de Camões pelo jardim parecem indiciar que Wenceslau de Moraes não compartilha a opinião dos que defendem sem hesitar que o poeta terá estado por ali, recuperando a ideia de Camões ter exercido em Macau as funções de procurador dos defuntos: “Dizem, não sei com que fundamentos históricos, que aqui, sobre estas trilhas... passeou... um pobre procurador dos defuntos e ausentes, ou coisa que o valha, que se chamou Camões” (Moraes, 2004, p. 32).

Ao entrar no Jardim de Camões, dez painéis no chão representam imagens dos dez cantos da epopeia. Os desenhos são do mestre Lima de Freitas, redesenhados e adaptados à calçada à portuguesa pelo pintor Jorge Estrela e representam: Vénus; o rei de Melinde; a morte de Inês de Castro; os rios Indú e Ganges, em forma de dois velhos; Adamastor; um mestre de embarcação a gritar; uma batalha no mar contra piratas árabes; a surpresa dos navegadores portugueses perante a deusa Shiva; o encontro na ilha dos amores e, no último painel, vários marinheiros em torno do leme.

³ Ver algumas informações e fotos aqui: <https://nature.iam.gov.mo/p/facility/park/detail?id=a048da4e-ade7-40b2-af99-e704f0dce95b&type=garden>

É no Jardim de Camões que fica situada a Gruta de Camões, “Esse ‘abrigo camoniano’... A sua história constitui até uma das mais antigas tradições da cidade e... o mito da gruta faz parte estrutural da vida trágica de Camões” (Lessa, 1996, p. 408). A gruta de Camões terá sido o primeiro monumento em honra do poeta. Segundo Almerindo Lessa (1996, p. 411), em maio de 1786, o jornal inglês, *O Censor Universal*, publicou uma carta de Macau, falando num “jardim sobre rochas, no qual, segundo a tradição do país, o famoso Camões ia sentar-se para escrever *Os Lusíadas*”.

Em 1793, William Fitzhugh, antigo empregado da companhia das Índias em Cantão, terá restaurado a gruta e ajardinado os terrenos adjacentes, como é referido numa relação de Eyles Irwin (Lessa, 1996, p. 410). O Morgado de Mateus terá sido quem primeiro vulgarizou a lenda da Gruta, na edição de 1817 de *Os Lusíadas* (Lessa, 1996, p. 410). Registos dos jesuítas do início do século XIX remetem para esta gruta: “Aqui deixou o testemunho da sua presença, esse monumento à sua memória que são os *Penedos de Camões* [no Patane], com a toponímia registada documentalmente para a História!” (Ribeiro, 2012, p. 122). Patane foi o primeiro núcleo populacional da futura Macau. O Chão de Patane terá sido, depois, apelidado de Penedos de Camões (século XIX) e, em seguida, Gruta de Camões. É essa a convicção de autores como Eduardo Ribeiro (2012, p. 131): “não seria de espantar que em Macau os jesuítas, com quem conviveu, orgulhosos do compatriota, houvessem passado a designar por *Penedos de Camões* o ‘chão de patane’, onde se encontravam as fragas frequentadas por Camões”. Sobre a possibilidade de, efetivamente, o poeta ter escrito *Os Lusíadas* nessa gruta, pode admitir-se “a possibilidade de Camões ter estado em Macau, embora não seja fácil imaginá-lo instalado na gruta a escrever a sua obra-prima” (Lessa, 1996, p. 430).

Onde termina a história e começa o mito? A resposta não parece fácil num caso em que o mito se sobrepõe ao factual, como nos dá conta Camilo Pessanha: “Se as tradições estão bem arreigadas e vivas, não será a demonstração da sua inexactidão histórica que as poderá destruir” (1992, p. 302). De facto, continua-se, por exemplo, a verificar a romagem à gruta de Camões e deposição de flores, em todos os 10 de junho, pela comunidade portuguesa (e macaense) de Macau, incluindo alunos da Escola Portuguesa de Macau. Como Pessanha sintetiza, a gruta adquiriu simbologia patriótica: “É a Gruta de Camões, com seu cenário irremediavelmente mesquinho..., dedicado ao culto de Camões, que é também o culto da Pátria” (1992, p. 305).

Na gruta, ou nas pedras em torno desta, estão gravados vários poemas e elogios a Camões, recuando ao início do século XIX. Por baixo do busto as datas da sua vida: “Nasceu 1524 ... morreo [sic] 1580”; pela frente, estão gravadas as primeiras três estâncias do Canto I de *Os Lusíadas*. Atrás da pedra que sustenta o busto encontram-se a estrofe 95 do canto VI e as estrofe 42 e 81 do canto VII (estando esta última já desgastada e pouco perceptível).

Em torno, estão dispostas lápides em honra de Camões com escritos em francês, quadras e sonetos em português e traduções em chinês do século XIX. Várias placas comemorativas da publicação de *Os Lusíadas* foram também aí colocadas. São escritos insípidos de homenagem, como afirmou Wenceslau de Moraes no final do século XIX: “Comemorando o facto, cá está hoje, à entrada da gruta, um bustozinho barato do poeta

... e não faltam, sobre lajes próximas, sonetos mal feitos, escritos em todas as línguas” (2004, p. 32).

Quer o Jardim de Camões, quer a gruta estão associados à história da atual Casa Garden, um edifício construído em 1770 e que, presentemente, está separada do jardim. Foi residência do Presidente da Companhia das Índias Orientais até 1815 ou 1835 (as fontes divergem). Mais tarde, o Conselheiro Manuel Pereira ofereceu-a à filha ou esta recebeu-a em herança (uma vez mais, não há convergência nas fontes). O genro deste, o comendador Lourenço Marques, alterou o ajardinamento, destacando a passagem para os Penedos de Camões. Colocou um busto do poeta, em 1840, numa espécie de minarete a que deu o nome de Gruta de Camões. Antes já lá teria havido outro busto do século XVII (Ribeiro, 2012, pp. 28–32). Em 1866, terá mandado substituir esse busto por outro em bronze, encomendado a Manuel Maria Bordalo Pinheiro.

O escritor de Macau, Henrique de Senna Fernandes, no texto “Grémio militar”, refere, também, a partir da consulta de fontes históricas de Macau, de 1870, que, neste tempo, a Gruta de Camões não era ainda do domínio público: “Macau não era então [1870] muito arborizada, mas tinha dois jardins apazíveis. Um particular, o da Gruta de Camões, então propriedade de Lourenço Pereira Marques, e o jardim público de S. Francisco” (1998, p. 149). Por sua vez, em 1885, a propriedade foi comprada pelo Estado português que restituía a Gruta de Camões ao seu ambiente natural (segundo fontes recolhidas por Lessa, 1995, p. 418). Após a compra pelo Estado, o palacete conheceu várias utilizações, tendo funcionado, a partir de 1960 e durante cerca de 20 anos, como Museu Luís de Camões. Em Maio de 1989, foi adquirido pela Fundação Oriente para instalar a sua delegação em Macau.

O Jardim de Camões é, assim, um dos jardins mais antigos de Macau, de meados do século XVIII. Para se chegar aí, passa-se obrigatoriamente no largo com o seu nome: Largo de Camões⁴.

O jardim não é, porém, o único local em Macau onde se pode encontrar um busto do poeta⁵. De forma mais discreta, também está presente um busto no jardim de estilo português na parte traseira do edifício do atual Instituto para os Assuntos Municipais. Por baixo do busto, escondido entre as flores, indica-se o nome, “Luís Vaz de Camões, poeta português”, as datas de nascimento e morte (1524–1580), com tradução em chinês, mas sem autoria ou data da produção do trabalho⁶.

2.2.2. *Camões na RAEM – ilhas*

No topo do Jardim Municipal da Taipa⁷, existe a única estátua de corpo inteiro do poeta no território. Trata-se de um jardim construído em 1924, em frente à Igreja de Nossa

⁴ Ver visita de realidade virtual aqui: <https://www.macaotourism.gov.mo/pt/sightseeing/macao-world-heritage/camoes-square>

⁵ Ver informação e foto em: <https://nature.iam.gov.mo/p/facility/park/detail?id=2d78ed26-09fd-448b-977b-ece8525a06c3&type=garden>

⁶ Apesar dos esforços desencadeados pelas autoras deste texto, não foi possível confirmar a autoria do busto.

⁷ Ver algumas informações e fotografias em: <https://nature.iam.gov.mo/p/facility/park/detail?id=0dc71b80-1aab-47b1-9f58-eab9ad765a69&type=garden>

Senhora do Carmo e próximo das Casas Museu da Taipa. Voltada para vegetação do jardim e vislumbrando ao fundo o complexo moderno dos casinos do Cotai, a estátua, em que o poeta aparece com a pena na mão direita, é da autoria de Wong Ka Long. Foi inaugurada em 5 de dezembro de 1999, quinze dias antes da passagem de Macau para a administração chinesa. A placa explicativa da estátua, na parte frontal, está escrita em chinês, português e inglês, por esta ordem, e refere-se a Camões como “um dos maiores poetas da língua portuguesa”, destacando a “epopeia marítima dos portugueses”, que narra também a “História de Portugal”. A justificação da sua presença ali não é apenas esta: a placa refere ainda que “Viveu largos anos no Oriente. A tradição aponta-o como um dos primeiros moradores de Macau, onde teria desempenhado funções administrativas importantes (Provedor dos Defuntos e Ausentes) e escrito parte de ‘Os Lusíadas’ na gruta que tem hoje o seu nome”. A inscrição é cautelosa, ainda que tenha faltado um adjetivo importante em “um dos primeiros moradores [portugueses] de Macau”, uma vez que os primeiros moradores de Macau aí se estabeleceram há mais de 4000 anos, como lembra Hongzhao (1996)⁸.

Do lado direito da estátua, pode ler-se a grafia atualizada da estrofe 79 do canto VII, que faz parte do plano da viagem dos portugueses, mas inserida nas considerações finais de canto do poeta, que termina com o conhecido verso: “Numa mão sempre a espada, e noutra a pena”. Do lado esquerdo da estátua, está inscrita a estrofe 95 do canto IV, do plano da História de Portugal, o início da fala do Velho do Restelo, pontuada por exclamações e apóstrofes, em relação aos motivos e consequências dos Descobrimentos: “– Ó glória de mandar! Ó vã cobiça/ Desta vaidade, a quem chamamos Fama!”. Esta estrofe, de contraponto à exaltação dos feitos dos portugueses, remete para o humanismo do poeta e, analisado o local onde foi colocada, para uma certa desculpabilização, quiçá, de ações desenvolvidas pelos portugueses durante o período colonial. Ambas as estrofes estão traduzidas para chinês vertical, forma mais antiga e erudita de se escrever chinês⁹.

Para além desta estátua, alguns espaços das ilhas levam o seu nome. É o caso do Largo de Camões, na Taipa, e da Avenida Luís de Camões, em Hác Sá, na ilha de Coloane.

8

A sua [de Macau] cultura era tradicionalmente chinesa, caracterizada pela vida de porto de pesca. Ainda no período neolítico, há mais de quatro mil anos, Macau já era habitada. Foram desenterrados, em Coloane, pratos de cerâmica colorida com motivos de ondas, e descobertos desenhos gravados na pedra, de figuras em forma de dragão, o que demonstra que os habitantes de Macau mantinham uma estrita relação com o mar. (Hongzhao, 1996, p. 686)

⁹ Sobre a presença de Camões na topografia, há, ainda, autores (p.e. Ma, 2020) que mencionam a frase inscrita no arco da porta do cerco, local de separação entre Macau e o interior da China, através da cidade de Zhuhai: “A pátria honrai que a pátria vos contempla”. Trata-se, porém, de uma divisa da Marinha Portuguesa, desde 1863, resultante da Portaria de 31 de Março de 1863, em que, por ofício do rei D. Luís, é mandada inscrever em todos os navios da Marinha de Guerra. Ver fotografia aqui: <http://www.culturalheritage.mo/pt/detail/100023>.

2.3. Iconografia

Os vestígios da influência da figura de Camões na toponímia de Macau são, pois, sobejos. Refira-se, no entanto, que a hipotética presença de Camões em Macau tem-se materializado também em vários elementos iconográficos. Na filatelia, entre 1844 e 1986, os correios portugueses comemoraram várias efemérides dos Portugueses relacionadas com os Descobrimentos. Em 1981, por exemplo, lançaram um selo sobre o IV centenário da morte do poeta. O selo apresenta Camões em destaque sobre o lado direito e, em pano de fundo, a ponte entre Macau e a ilha da Taipa. Contrapõe-se o passado, em primeira linha de visualização, representado por uma embarcação local com três velas (lorcha), e o presente, em pano de fundo, representado por um navio¹⁰. Também em 1980, pelo quarto centenário da sua morte, foram talhadas medalhas alusivas a Camões na Gruta por Sousa Macedo, Joaquim Correia e Cabral Antunes (Lessa, 1996, pp. 432–433).

Por sua vez, em junho de 1999, foi lançada uma coletânea de dez postais ilustrados por vários artistas, denominada “A Gruta de Camões”, por ocasião do Colóquio “Homenagem a Luís de Camões pela Organização Mundial de Poetas”. A edição foi da Fundação Macau e do Instituto Internacional de Macau¹¹.

Os exemplos na pintura, mostrando Camões em Macau e em particular na gruta, são abundantes. Destaque-se a pintura sobejamente reproduzida de Francisco Augusto Metrass, “Camões e o Jaus na gruta”, de 1856 (Lessa, 1996, p. 426). Trata-se de um retrato romântico do autor, em que não falta numa mão a pena, no chão a espada. Outros exemplos podem ainda ser referidos como a representação da “Gruta de Camões” por George Chinnery (1774–1852) ou pelo britânico Thomas Allom (1804–1872).

O culto de Camões em Macau continua, inclusive, na geração chinesa mais jovem. Veja-se o trabalho multimodal de *Para Camões* de Scarlett Ma (2020), que junta num mesmo livro (e CD) uma síntese biográfica do poeta, poesia, música e ilustração, numa abordagem hesitante que remete a estadia de Camões em Macau ora para a lenda, ora para a realidade. Porém, como lembra Vitalina Leal de Matos (2014, p. 121), a propósito da relação de passagens de *Os Lusíadas* com a realidade: “é aceitável reduzir a ficção à metáfora do real”. Scarlett Ma coloca Camões em Macau por volta de 1556, sempre com um registo cauteloso: “Alguns dizem ter sido oficial militar, outros que foi Provedor-mor dos Defuntos e Ausentes. Diz-se também que se enamorou de uma donzela chinesa de nome Dinamene” (2020, p. 12). É a partir desta referência biográfica de Camões que confunde, talvez, realidade com mito, que Francisco Sousa Faria da Silva explora ficcionalmente a figura de Dinamene como sendo uma nobre portuguesa, em *A lenda da musa de Camões* (2019), um livro de literatura juvenil. O narrador, através da personagem de Richelieu, coloca Camões em Macau: “Camões esteve em Macau entre 1553 e 1556... Consta que o poeta escreveu grande parte de *Os Lusíadas* em Patane” (Silva, 2019, p. 43). A estória passa-se durante o cerco dos holandeses a Macau, no século XVII, e Joana, a neta de Luís de Camões, fruto do seu relacionamento com Dinamene, fidalga portuguesa, é uma das personagens principais.

¹⁰ Ver a reprodução aqui: <https://surl.li/aumbie>.

¹¹ Ver exemplos desses postais, aqui: <https://cronicasmacaenses.com/2013/10/23/a-gruta-de-camoes-de-macau-em-postais-ilustrados/>.

Resumindo, Camões e a sua vida vão sendo desfocados e ficcionalizados a partir dos “buracos negros” que o desconhecimento da sua biografia permite. Os documentos que nos chegaram dele não são suficientes para nos permitirem responder a várias questões, sobretudo as que se referem à sua possível passagem por Macau. Note-se que não se conhece, por exemplo, até ao momento, nenhuma carta de Camões escrita em Macau ou na China (ver, p.e., Camões, 2011).

3. Camões em Macau: memória e legado literário

O estudo dos ecos de Camões e da sua obra em Macau enquadra-se no mesmo contexto da memória até agora apresentada. Contudo, o texto literário liberta-se mais facilmente das redes factuais da história. Assim, José Carlos Seabra Pereira, no *Delta literário de Macau*, desloca o tema da presença de Camões em Macau para a importância da presença de Camões na literatura produzida em língua portuguesa, afirmando que:

Camões e Mendes Pinto são referências míticas para a cultura literária de Macau, porque são motivo e fonte de *mythos* como narrativa poderosa, que se torna inerradicável e incontornável, que ganha uma forma de existência e de influência a salvo de inquirições de veracidade histórica, que vive na literatura posterior pela escrita que a busca como intertexto e nela se abebera. (Pereira, 2015, p. 20)

A procura destas ligações obriga a um exercício que pode remontar a Bocage (que esteve em Macau, entre outubro de 1789 e março de 1790) e a Almeida Garrett e ao seu poema *Camões*, obra que, publicada em Paris em 1825, marcou o início do Romantismo em Portugal. As imagens românticas da gruta e de Camões, um espaço solitário, simultaneamente inóspito e bucólico, e um poeta amargurado pela trama da fortuna e do desamor, vão tornar-se um modelo que se repercutiu, até muito tarde, na literatura portuguesa, desenvolvendo uma representação mítica que vai para além do facto histórico da presença do poeta quinhentista em Macau. Esse espaço, retirado das gentes, entre rochas e rochedos, pode ser o eco da figura frequentemente solitária do poeta, tal como nos é revelada no soneto camoniano “Onde acharei lugar tão apartado”.

O século XIX fez eco dessa formulação, mas em Macau, no cruzar do século e nas primeiras décadas do século XX, foram ainda muito importantes as descrições de Venceslau de Moraes e também Camilo Pessanha, já suprarreferidos. Ambos afirmam o valor simbólico da gruta de Camões em textos renomados como, respetivamente, a “Gruta de Camões”, que faz parte das “Lembranças da China”, datadas de 1890, publicadas em *Traços do Extremo Oriente* de 1896 (Moraes, 2004, pp. 32–35), e o artigo “Macau e a Gruta de Camões”, publicado no periódico de Macau *A Pátria*, a 7 de junho de 1924 (Pessanha, 1992).

As referências a Camões tornaram-se uma constante. No espaço conciso deste trabalho, tentámos fazer uma síntese daquelas que consideramos serem as principais ocorrências. A consulta de bibliografia publicada recentemente, a saber, a antologia de textos coligidos e inspirados em Camões (Augusto, 2025), permitiu confirmar a validade de cada referência e a sua contextualização. Para conseguir uma melhor sistematização, o estudo das obras e dos autores pode ser dividido em grupos distintos, tendo em conta a

maior ou menor aproximação do tema, da figura e da obra camonianas. O primeiro grupo inclui textos que resultaram da visita a Macau e ao lugar camoniano por excelência, a gruta no Jardim de Camões. Muitos destes textos, sobretudo os textos do final do século XIX, foram recolhidos por Lourenço Marques num *Álbum da gruta*, em prosa e poesia, em português e nas várias línguas em que escreviam os diversos visitantes, que seria publicado em Lisboa, em 1893. Outros textos deste grupo podem ser encontrados também em “Trechos em prosa e verso de um álbum pertencente ao antigo proprietário da Gruta de Camões (Macau)” e numa “Antologia sobre a Gruta”, reunidos por Monsenhor Manuel Teixeira em *A gruta de Camões em Macau* (Teixeira, 1999). Mais ou menos pormenorizados ou poéticos, os poemas recolhidos revelam uma extrema reverência por Camões e uma identificação com o espaço melancólico e com o destino de exílio em Macau, expressa por admiradores como Manuel de Castro Sampaio, Francisco Bordalo, Carlos José Caldeira, Pedro Feliciano de Oliveira Figueiredo, J. R. Azevedo, Elísio Mendes e Joaquim de Araújo. Veja-se o poema celebrativo de Francisco Bordalo: “Recordando as canções do génio raro... Sente-se menos triste o desterrado” (Teixeira, 1999, p. 173). Mas esta peregrinação continuou pelo século XX. Figuras bem conhecidas, como Miguel Torga, Sophia de Mello Breyner Andresen, Pedro da Silveira, Alexandre Pinheiro Torres, Eugénio de Andrade, José Augusto Seabra, José Valle de Figueiredo, Alice Vieira ou José Jorge Letria, aproximaram-se da matéria camoniana em Macau com alguma comoção, estabelecendo um roteiro de peregrinação *ad loca* de Camões (Augusto, 2025, pp. 172–177).

Por vezes, contudo, basta um título para estabelecer um intertexto. É o caso da coletânea de poemas e fotografias de Carlos André, publicada em Macau em 2017. O título remete para a oitava estrofe do Canto I de *Os Lusíadas*: “... o sol, logo em nascendo vê primeiro”, e esta referência torna-se o fio condutor de todo o livro (Borges, 2021) e das deambulações poéticas que levaram o autor por caminhos da China e de Macau.

O segundo grupo de textos considerado neste trabalho diz respeito às referências camonianas na literatura em língua portuguesa produzida em Macau por escritores com permanência mais estável no território ou naturais de Macau. Trata-se de poemas publicados na imprensa e também publicados em antologias e monografias cuja aproximação de Camões, da sua obra e da sua vida em Macau, é diversa, de intertextualidade mais ou menos explícita, mas lembrando quase constantemente a construção romântica elaborada por Garrett. Nas *Trovas macaenses*, reunidas por João Reis (1992), encontramos poemas de matéria camoniana de José Carvalho Rego e do seu irmão Francisco de Carvalho Rego, do padre Benjamin Videira Pires e de Rolando Chagas Alves. É necessário considerar, também, os poemas laudatórios de Monsenhor Manuel Teixeira, publicadas no *Jornal Notícias de Macau*, a 10 de junho de 1972 (Teixeira, 1999). Veja-se, ainda, os poemas de José dos Santos Ferreira, conhecido por Adé, que se distinguem pela particularidade de terem sido escritos em patuá e de poderem ser lidos nas suas numerosas obras publicadas em Macau. Paralelamente, correndo a obra dos principais autores referidos por Seabra Pereira (2015) e Simas e Marques (2016), Camões surge como tema de composições poéticas de diferentes autores como Leonel Alves, Josué da Silva, Margarida Ribeiro, José Maria Bártolo, Fernanda Dias, Maria do Rosário Almeida e António Correia, não esquecendo António Duarte Mil-Homens,

Fernando Sales Marques, António Bondoso, Jorge Arrimar e Carlos Morais José (Augusto, 2025, pp. 177–186).

Este último escritor, na sua obra poética e narrativa publicada desde o início do século XXI, revela-se como um dos melhores exemplos de intertextualidade: a obra de Camões funciona como modelo para a construção formal, o poeta quinhentista atua como personagem e os seus versos revelam-se na prosa poética de Morais José (Augusto, 2020, 2023). Um dos momentos altos desta relação acontece em *Macau – Livro dos nomes*, que teve uma segunda edição em 2022, juntando poesia (de Carlos Morais José) e fotografia (de Sara Augusto). No quarto poema, “Gruta de Camões”, prevalece, para além do onnipresente sujeito poético, a figura de Camões, visto como fonte da língua e da literatura, nos poemas inscritos por entre a vegetação, mas sobretudo como origem de uma maneira particular de “sentir” amor. No verso “Eu volto sempre ali”, está a homenagem honesta do poeta Carlos Morais José ao poeta Luís de Camões (José, 2022, s.p.). A intertextualidade estende-se aos outros livros de poesia deste autor (*Visitações*, 2013; *Anastasis*, 2019; *O comedor de nuvens*, 2021), mas também ao romance *O arquivo das confissões – Bernardo Vasques e a inveja* (2016), que parte da ficcionalização da biografia de Camões e do seu cruzamento com a história do protagonista, apresentando figuras, eventos e elementos que são facilmente reconhecidos na história e na cidade de Macau.

Desde o início do século XIX, com um pouco mais de intensidade por volta de 1880, aquando das celebrações do Tricentenário de Camões, nunca a poesia produzida em Macau deixou de lembrar e de homenagear o poeta quinhentista. Mais do que afirmar a presença de Camões em Macau, esta poesia afirma o poder da memória, da imaginação e da emoção na literatura.

4. Conclusão

A pergunta continua a apresentar-se com atualidade: terá Camões estado em Macau? Pode responder-se que “todas as afirmações nesse sentido se baseiam em extrapolações de carácter biográfico feitas a partir dos próprios escritos do Poeta, ou a partir de posteriores comentários aos mesmos” (Loureiro, 2003, p. 121). Loureiro (2003), na sua pesquisa, admite que Camões poderá ter:

- i) efetuado uma viagem aos mares da China,
- ii) naufragado no golfo do Sião e
- iii) poderá ter sido acompanhado por uma mulher chinesa.

Recusa, no entanto, a ideia de que Camões tenha:

- i) exercido a função de provedor dos defuntos;
- ii) residido longos anos em Macau;
- iii) escrito sequer parte da sua epopeia numa gruta do território. O autor define a questão chinesa da vida de Camões como um “mito historiográfico” (Loureiro, 2003, p. 123).

Da presença física de Camões na RAEM não teremos, pois, a certeza, nem foi nosso objetivo explorar a resposta a essa questão. Como relembra Seabra Pereira, para a análise textual e de hermenêutica literária, a questão é irrelevante (2015, p. 19). Indiscutível é, porém, que a sua presença mitográfica (assim como a de Fernão Mendes Pinto) tem contribuído para o diálogo cultural e literário em português no território.

Seabra Pereira reafirma que “é irrelevante que Camões tenha estado efetivamente em Macau ou não”, mas é relevante “tudo o que se congeminou, imaginou e escreveu com pressuposições afirmativas daqueles vínculos históricos (e até o que se investigou, invocou e escreveu para negar razão a essas pressuposições e negar esses vínculos)” (Pereira, 2015, p. 20).

O mito narra uma realidade que passou a existir, como defende Mircea Eliade (1998). Fernando Pessoa escrevera na *Mensagem*, no poema “Ulisses”: “O mito é o nada que é tudo” (1934, p. 25). De facto, independentemente do tipo de presença de Camões em Macau, real ou mítica, ela influenciou a literatura, a cultura e a história da região. A sua presença, real ou mítica, sobrevive através da toponímia, filatelia, numismática, pintura e literatura. Essa preservação da sua memória na topografia do território e na literatura convoca intertextualidades, inclusive interartística, que, aqui, apresentamos apenas de forma ilustrativa, pois outros exemplos poderiam ser convocados.

Em suma, embora não exista consenso historiográfico definitivo sobre a presença física de Camões na RAEM, Macau adotou o poeta como figura histórica e simbólica ligada à identidade local em língua portuguesa.

Contribuição dos autores: a Autora 1 contribuiu com a conceitualização, curadoria de dados, metodologia, redação (rascunho original, revisão e edição) e administração do projeto, supervisão. A Autora 2 contribuiu com a conceitualização, curadoria de dados, metodologia, redação (rascunho original e revisão).

Financiamento: este trabalho não recebeu financiamento.

Disponibilização de dados: não se aplica.

Referências

- AA. VV. (1893). *Álbum da gruta de Camões: cópia enviada à Sociedade de Geografia de Lisboa pelo Governo de Macau por ocasião de se preparar a reunião do Congresso Internacional dos Orientalistas em Lisboa*. Imprensa Nacional–Casa da Moeda.
- André, C. (2017). ... *o sol, logo em nascendo vê primeiro*. Livros do Oriente.
- André, C. (2021). Má fortuna a Oriente: Camões em dois romances contemporâneos. In C. Morais et al. (Orgs.). *Diálogos interculturais Portugal-China 2* (pp. 11–26). Instituto Internacional de Macau/Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro.
- Augusto, S. (2020). Reescrita e ressurreição na poesia de Carlos Morais José. In J. C. Ramos et al. (Orgs.). *Macau e a língua portuguesa: novas pontes a oriente* (pp.

- 151–163). Instituto Politécnico de Macau/ Instituto Português do Oriente.
- Augusto, S. (2023). O comedor de nuvens: diálogos poéticos em Carlos Morais José. In C. Morais et al. (Orgs.). *Pelos mares da língua portuguesa* (vol I, pp. 225–240). Universidade de Aveiro. https://ria.ua.pt/bitstream/10773/40145/1/PELOS%20MARES_LIVRO%2301.pdf
- Augusto, S. (2025). *O vasto império do coração. A visitação de Camões na literatura de Macau em língua portuguesa*. Instituto Português do Oriente.
- Bobone, C. M. (2024). *Camões – vida e obra*. D. Quixote.
- Borges, V. (2021) ...o sol, logo em nascendo, vê primeiro, de Carlos André: a transcensão de “Pierre Nénard, autor do Quixote”. In C. Morais et al. (Orgs.). *Diálogos interculturais Portugal-China 2* (pp. 129–143). Instituto Internacional de Macau/Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro.
- Camões, L. (1987). *Os Lusíadas*. Porto Editora.
- Camões, L. (2011). *Contradança. Cartas e poemas de Camões*. Guerra e Paz.
- Eliade, M. (1998). *Mito e realidade*. Perspectiva.
- Faria, S. M. (2010). *Vida do grande Luís de Camões: príncipe dos poetas de Espanha*. Edições Vercial.
- Fernandes, H. S. (1988). *Grémio militar, Mong-Há* (pp. 147–170). Instituto Cultural de Macau.
- Garrett, A. (2018). *Camões*. Imprensa Nacional–Casa da Moeda.
- Hentsch, T. (1988). *L'Orient imaginaire*. Éditions de Minuit.
- Hongzhao, H. (1996). A formação da identidade cultural de Macau. *Administração*, 33 (IX), 685–699, https://www.safp.gov.mo/static/2023/09/16/WCM_004076.pdf
- José, C. M. (2013). *Visitações*. Cod,inc.
- José, C. M. (2016). *O arquivo das confissões. Bernardo Vasques e a inveja*. Livros do Oriente.
- José, C. M. (2019). *Anastasis*. Abysmo.
- José, C. M. (2021). *O comedor de nuvens*. Cod,inc.
- José, C. M., & Augusto, S. (2022). *Macau: o livro dos nomes*. Cod,inc.
- Lessa, A. (1996). *Ensaio de antropologia portuguesa dos trópicos*. Editora Internacional.
- Loureiro, R. M. (2003). Camões em Macau – um mito historiográfico. *Review of Culture/Revista de Cultura*, 7, 108–125.
- Lourenço, F. (2024). *Camões. Uma antologia*. Quetzal Editores.
- Ma, S. (2020). *Para Camões*. Companhia do Desenvolvimento Cultural e Criativo Hou Fan Limitada.
- Matos, M. V. L. (2014). *Tópicos para a leitura de Os Lusíadas*. Almedina.
- Moraes, W. de (2004). *Obras completas de Wenceslau de Moraes. Traços do Extremo Oriente* (Vol. I, edição de Carlos Morais José). Cod,inc.
- Nepomuceno, L. A. (2022). O oriente no olhar de Camões: uma verdade que convém. *Afro-Ásia*, 66, 45–76.
- Novo, I. R. (2024). *Fortuna, caso, tempo e sorte – biografia de Luís Vaz de Camões*. Contraponto Editores.
- Pereira, J. C. S. (2015). *O delta literário de Macau*. Instituto Politécnico de Macau.

- Pessanha, C. (1992). Macau e a gruta de Camões. In D. Pires (Ed.), *Camilo Pessanha prosador e tradutor* (pp. 301–305). Instituto Português do Oriente/Instituto Cultural de Macau.
- Pessoa, F. (1934). *Mensagem*. Parceria António Maria Pereira.
- Reis, J. C. (1992). *Trovas macaenses*. Mar Oceano.
- Ribeiro, E. (2012). *Camões em Macau. Uma verdade historiográfica*. Labirinto das Letras.
- Ribeiro, E. (2016). *Camões in Asia*. Centro Científico e Cultural de Macau.
- Saraiva, J. H. (1995). Camões em Macau. *Revista de Cultura*, 22, 161–168.
- Simas, M., & Marques, G. (2016). *Contributos para o estudo da literatura de Macau. Trinta autores de língua portuguesa*. Instituto Cultural do Governo da RAE.
- Silva, F. S. F. (2019). *A lenda da musa de Camões*. Coolbooks.
- Teixeira, M. (1980). *Camões esteve em Macau*. DSEC.
- Teixeira, M. (1999). *A gruta de Camões em Macau*. Fundação Macau/Instituto Internacional de Macau.

[recebido em 30 de março de 2025 e aceite para publicação em 18 de novembro de 2025]